



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE05582008GRC



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913

28 de Março de 2009 • Ano LXVI • N.º 1697
Preço: € 0,33 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239

Coimbra e a evocação do Padre Américo

COM a evocação do Padre Américo na Cidade e Igreja de Coimbra, ocorrida nos dias 7 e 15 de Março, de certo modo, encerraram-se as comemorações dos 120 anos do nascimento do Padre Américo. Em todas as Casas do Gaiato esta celebração já tinha sido feita de forma digna e muito participativa. Coimbra não foi excepção.

Que dizer ou fazer mais? Importa agora olhar para a história; para o passado numa atitude de perscrutação humilde e aberta, como recordava Dom Albino, Bispo de Coimbra, na Eucoristia de encerramento: "O exemplo do Padre Américo aponta para a necessidade de se estar atento aos problemas actuais e de se encontrarem soluções criativas... Hoje os problemas são outros, já não são as crianças a viver em barracas na Casa da Sal, que ele visitava, são as situações de desemprego, de famílias desorganizadas e jovens sem rumo e sem amparo...». Urge fazer um exercício de memória, apreciar as influências, as distâncias, as mudanças e deixar-se conduzir pela novidade do Espírito.

Continua na página 2



CALVÁRIO

Primavera

NESTE começo da Primavera, ao ver os pássaros felizes, pendurando os ninhos nos galhos das árvores, percebo como eles não podem gostar de gaiolas. Mas estas são morada de muitos deles.

A Maria, órfã de pais, vivia com o irmão. Este, não pretendia continuar a tê-la em sua casa, pois ela, com fortes limitações intelectuais, perturbava-lhe o ambiente familiar.

A gaiola abriu-se e o pássaro voou radiante.

Como ela é diferente aqui! De manhã, levanta alguns doentes para os carros de rodas. Faz-lhes as camas. E vai a outras tarefas. Anda o dia todo numa roda viva. Nunca se nega. É uma preciosidade esta rapariga. A sua disponibilidade é total.

Ontem, veio ter comigo, depois do trabalho matinal e deu-me esta ordem: — *Temos aqui algumas camas vazias. Vá buscar mais doentes que a gente trata deles. Há muitos por aí escorraçados como eu. É preciso que os traga.*

Onde é que esta rapariga aprendeu este ofício? Vê que todos a estimam, olha para trás e projecta o seu viver antigo em outros rejeitados. Sente que eles precisam de quem os recolha.

Os simples são, por vezes, mestres. Dão lições ao nosso mundo egoísta. Quando todos aspiram a ter menos trabalho, ela quer trabalhar, quer ajudar os outros.

Aqui não há ordens a cumprir, imposições de autoridade. Há, sim, devoção e amor. «*Vá que a gente trata deles.*» Isto é, na verdade, amor sincero pelos de igual situação. Eu diria mesmo que este modo de pensar e agir é a plenitude do Novo Testamento: Viver não na lei, mas no Espírito. Os israelitas viviam debaixo da lei. Cristo convida os seus a viverem no Espírito. E o Espírito sopra fortemente no interior destes simples.

Esta rapariga dá cartas. Faz aos outros o que lhe fizeram, a ela. E isto é ver a vida pela lado bom. Hoje que tantos pensam só em si mesmos, é consolador olhar para estes que pensam nos outros sem interesses pessoais.

Os pássaros preparam para os filhos aquilo que para eles também foi feito: um ninho.

Padre Baptista

LANÇAMENTO DO LIVRO

Amor, Meditação e Acção

Pedagogia Social do Padre Américo Monteiro de Aguiar

DESLOQUEI-ME expressamente de Évora a Coimbra para participar nesta homenagem ao Padre Américo. E fi-lo com muito gosto. Antes de mais, pelo enorme apreço que tenho por essa figura ímpar de homem, de padre e de educador que foi o Padre Américo Monteiro de Aguiar. Na verdade, é uma daquelas personalidades que não nos cansamos de admirar. Quanto mais o conhecemos e quanto mais de perto contactamos com a sua Obra da Rua mais fascinados nos sentimos por ele. Na vida e na Obra do Padre Américo encontramos, traduzido em actos, o ideal das bem-aventuranças, apresentado por Jesus Cristo como síntese prática da Boa Nova e garantia certa para alcançar a plenitude da vida, prometida pelo próprio Jesus, aos que seguirem os seus passos. O Padre Américo acreditou na mensagem evangélica e tentou levá-la até às últimas consequências, sem os subterfúgios próprios das almas mediocres, incapazes de se lançarem na aventura do amor pelos outros e sem a altivez dos auto-suficientes que desprezam os humildes. Ele era simples e

humilde, por isso compreendia os pobres. Encarnou na sua vida a mensagem evangélica e, porque contemplava o mundo com os olhos do Mestre, tudo via com clareza e profundidade, como ele próprio escreveu: *a verdade é que eu vejo tudo tão claro e tão simples à luz do Evangelho.* O que para a maioria de nós é confuso e complexo para ele era claro e simples. Aí reside o segredo de uma vida.

Um segundo motivo me trouxe a Coimbra, no dia de hoje. O lançamento do livro *AMOR, MEDITAÇÃO E ACÇÃO*, do Prof. Doutor Ernesto Candeias Martins, meu particular amigo. Conheci-o quando era bispo de Portalegre-Castelo Branco. A empatia suscitada nessa primeira conversa permitiu-nos sonhar com colaborações futuras, que, por razões várias, não se vieram a concretizar. Apesar tudo, por sua iniciativa, ainda alguns sacerdotes daquela diocese aperfeiçoaram os seus conhecimentos na área informática.

Tornamos a encontrar-nos, posteriormente, em Setúbal, no dia 5 de Abril de 2008, na sessão comemorativa dos 120 anos do nas-

cimento do Padre Américo. Na conversa que mantivemos no fim dessa sessão, o Doutor Ernesto fez-me duas confidências. Uma é que estava a ultimar o seu terceiro livro dedicado à vida e Obra do Padre Américo. Hoje já sabemos qual é. A segunda é que tinha em mãos um outro projecto de carácter longitudinal que permitirá avaliar, durante quanto tempo, permanecem na vida das pessoas os efeitos positivos produzidos pelas intervenções pedagógicas levadas a cabo nas crianças, nos adolescentes e nos jovens, durante o tempo que permaneceram na Obra da Rua. Este ainda não é conhecido. Mas, segundo informação recente, em breve será publicado. Estou certo que será um excelente complemento dos três que foram publicados. Dele resultará uma demonstração objectiva e prática dos efeitos positivos produzidos pela pedagogia usada na Obra da Rua para educar, promover e preparar para a vida. Quando alguns se questionam sobre o mérito educativo das Casas do Gaiato, importa dar a conhecer os efeitos positivos por elas produzidos a favor dos indi-

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

AJUDA FAMILIAR — Falamos aqui, em Novembro passado, dum casal de idosos cujo marido tinha sido encadernador, estando agora reformado e a sofrer de doença neurológica degenerativa. A mulher está, também, em condições de saúde precárias. Para complicar as coisas, voltou para casa dos pais um filho adulto com doença que não lhe permite trabalhar mais. Dos restantes filhos, um vive por perto, mas a nossa Conferência já por lá tinha andado depois de notícias de que era preciso dar-lhe alguma atenção uma vez que a saúde mental da mulher não é a melhor e os rendimentos familiares também não são por aí além. Os restantes filhos vivem mais longe e só podem dar alguma atenção aos pais quando os visitam ao fim de semana.

Como as respostas institucionalizadas de apoio aos idosos que temos por perto não servem para estes casos, estávamos numa situação de alguma impotência para ajudar esta família apenas com a modéstia da nossa visita e de algum apoio material que nos parecia ser necessário. De qualquer maneira, sentíamos que, apesar disso, podia valer a pena essa nossa presença, quanto mais não fosse como sinal, especialmente para a esposa, de que a sua família não estava só e de que valia a pena continuar a fazer os possíveis para lutar contra a doença e por um resto de vida o mais digno possível.

Seria presunção da nossa parte achar que foi daqui que veio a solução, mas, aquando da nossa penúltima visita tivemos a felicidade de saber que essa família conseguiu encontrar, no seu seio, uma solução para o problema mais difícil que era preciso resolver para já, a saber, o cuidado do pai idoso. A nora que está mais perto, apesar das limitações na sua saúde mental, assumiu essa tarefa com empenho e levou o sogro para casa dela. Vamos começar a passar por lá para ir vendo como as coisas vão correndo. Quanto à mãe idosa, disse-nos que ganhou coragem para se tratar de alguns males que tinha e para os quais começava a faltar força anímica para procurar o necessário cuidado médico. Como a sua autonomia já é muito limitada, o filho doente que agora mora em casa dos pais tem ainda capacidade para assegurar o cuidado da mãe e parece estar a sair-se bem.

Fizemos e estamos a fazer muito pouco por esta família. No entanto, se a nossa presença contribuir, por pouco que seja, para a incentivar a mobilizar os seus pobres recursos para cuidar de si própria, então deve valer a pena.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Américo Mendes

MIRANDA DO CORVO

AGRO-PECUÁRIA — A 25 de Fevereiro, terminámos a sementeira da aveia, para enfiar, com os srs. Pedro e Emídio, nalguns dos nossos campos, que são: campo do poço novo, terra dos grilos, olival do Ti russo e olival dos poços. Alguns Rapazes, nas férias de Carnaval, limparam os rebentos, à volta das oliveiras. As terras foram preparadas, fresando o solo; depois, com alfaia própria deitou-se adubo (35 sacos) e semeou-se grande quantidade de aveia (44 sacos). O tempo ajudou; pois, com a mudança da lua, entretanto choveu. Como era preciso, gastou-se muito gásóleo, no tractor; que, depois, teve de ir consertar.

No nosso rebanho, ficaram doentes duas ovelhas. Numa delas, o sr. Dr. Cameira aplicou injeções e ela melhorou. Compraram-se dois blocos de minerais para o ovel.

RAPAZES NOVOS — Tem havido pedidos de Rapazes, para entrar na nossa Casa. Assim, no dia 16 de Fevereiro, segunda-feira, o nosso Padre Manuel e o Prof. Paulo foram a Atalaia do Campo (Fundão) receber o Arménio Alexandre (7 anos) e o Luís Miguel (6 anos). Depois, a 19 desse mês, foram a Odivelas acolher o Amadu Embalo (5 anos). No dia 20, sexta-feira, o nosso Padre Manuel e o sr. Arnaldo Lucas foram receber o Divino Carlos C6 (4 anos), do Seixal. Estes dois *batatinhas* são oriundos da Guiné-Bissau. As maiores felicidades, para todos, na nossa Família!

PARTILHA — É sabido que não temos subsídios para pagar as pesadas despesas. Vivemos do nosso trabalho e da ajuda dos nossos Amigos. Agradecemos a partilha natalícia e a informação dos números de contribuinte, para os recibos serem aceites no IRS/IRC. De várias localidades, ficamos gratos, especialmente com bens alimentares: Miranda do Corvo, Lamas, Lousã, Pousaflôres, Vale do Açor, Almalaguês (leite), Coimbra (entre outros, das Amigas das Estradas de Portugal), Lentisqueira (laranjas), Espite, Bagueim do Monte.

120 ANOS DE PAI AMÉRICO — A celebração do nascimento do nosso Pai Américo, finalmente, também teve lugar na Diocese de Coimbra, onde foi ordenado Padre. A evocação da data festiva (23 de Outubro de 2007) constou de vários momentos. Para já, a nossa Casa colaborou com vários materiais (quadros e livros) para o evento, entregues no Seminário, mais os elementos da exposição, de 2006, em Paço de Sousa. A 4 de Março, na Casa da Cultura de Coimbra, o nosso Padre Manuel e o Prof. Paulo, com dois *batatinhas* (Divino e Amadu) estiveram na conferência de imprensa. Das outras acções, do programa anunciado no nosso jornal, daremos conta na próxima edição.

Alunos do Alternativo

SETÚBAL

ESCOLA — Terminou o segundo período, e os Rapazes já estão nas férias da Páscoa. Eles estão ansiosos pelas notas e pela Páscoa. Esperamos que elas sejam boas. Durante o este período os Rapazes esforçaram-se por melhorar as suas notas e o seu comportamento.

HORTA — O «Lota» e o «Fernandinho» estiveram a plantar couve, para todos nós comermos.

Nós sempre temos que cuidar delas: regar, por adubo e arrancar as ervas daninhas.

Esperamos que cresçam bem para termos umas boas couves.

RAPAZES — O Jaime já terminou os exames da carta de condução. Ele passou, e já tem a carta na mão. O Jaime, o Lagarto e o Luís Paulo ficaram desempregados. Enquanto não arranjam trabalho ajudam cá em Casa nas tarefas. O Ângelo está à procura de emprego.

Esperamos que estes Rapazes arranjam trabalho e que sejam alguém no futuro.

CRISMA — Alguns Rapazes estão a querer receber o sacramento do Crisma. Agora, ao sábado, têm catequese para se prepararem para o Crisma. A D. Selda é que dá a catequese. Esperamos que estes Rapazes se preparem para serem bons cristãos.

VACARIA — O «Fernandinho» foi levar uma vitela ao matadouro para a nossa alimentação. Ele esteve já a cortar a carne e a pô-la dentro das câmaras frigoríficas. A carne das nossas vacas é muito saborosa, e os Rapazes apreciam-na muito.

Gonçalo Leite

PAÇO DE SOUSA

DESPORTO — Depois de alguns jogos em casa e todos eles vitoriosos, fomos, agora, golear os Juniores do Grupo Desportivo e Recreativo de Rans (Penafiel), no seu próprio terreno.

Um jogo que teve o seu início num horário diferente do normal, às 21h00, que para nós, não é obstáculo. Estivemos a ganhar por 0-2. Os nossos Rapazes deixaram-se empatar; pouco depois voltámos a colocar-nos na posição de vencedores; e, com um pequeno deslize da nossa defesa, eles fizeram novamente o empate. Fizeram-se algumas alterações, o que deu resultado. No final do encontro, com golos de Rogério (2), Bonga (1), Ilídio (2), Abílio (1) e Ronaldo (1), fixou-se o resultado final em 3-7. Mais uma vitória, para juntar às que já existem. Muitas delas, conquistadas

com a ajuda do «Doutor», do Fábio, do «Pião», do «Azeitona», do Luís Ângelo, do «Minhoca» e do seu irmão «Ambulâncias» entre muitos outros! Que será feito destes «rufias»? O «Truta», é o único que, de vez em quando, telefona. Era «arisco» a jogar a bola, e criou-nos alguns problemas dentro das quatro linhas... escusadamente, mas fora, era um amor como todos os outros!

Uma vez fomos jogar a Lamego, com os *Craques de Lamego*. O «Doutor», estava mesmo a jogar mal e molengão. Quando se estava a preparar a sua substituição, levou duas «pantufadas» do adversário que o fez arrebatar. A partir dali: jogou, marcou dois golos e nós ganhámos. Como tudo na vida, há males que vêm por bem! Foi o caso.

Com o intuito de dar continuação às vitórias, deslocámo-nos, desta vez, a Alpendurada para mais um desafio com o Juniores daquela localidade que militam na A. F. Porto.

Depois de curva e mais curva, lá chegámos ao estádio. Campo com

dimensões máximas e relvado. Mesmo assim, estivemos a ganhar por 0-2, com golos de «Bonga» e de Agostinho. O terceiro esteve à vista, por intermédio de Rogério, que «do meio da rua» fez bater a bola, estrondosamente, na barra. O Alpendurada ainda fez o 1-2 na primeira parte e já na segunda, quando os nossos Rapazes começavam a pensar que eram «favas contadas» — o que é uma péssima ideia — eles, no meio da confusão, fizeram o empate.

Tudo se deve à falta de concentração e de maturidade de alguns dos nossos atletas. Parece que quanto mais jogos fazem, mais «meninos» estão. De qualquer maneira, este empate teve sabor a vitória, já que se tratava de um adversário forte e a jogar em sua casa.

Nota super positiva para o «Bonga» e Rogério; negativa para aqueles que preferem jogar a bola ao Domingo de tarde... na hora do recreio. Começa-se a notar muito...!

Alberto («Resende»)

Coimbra e a evocação do Padre Américo

Continuação da página 1

Na história da Obra da Rua, em Coimbra, encontramos referências que, com o seu agir, conquistaram a Cidade para o legado do Padre Américo. A Igreja, Essa, esteve sempre com ele, como Mãe que descortina no agir do filho um designio do Alto. Agora, ao evocar o Padre Américo não podemos deixar de pensar em pessoas tais, que ao longo de anos, escondidas, deram corpo ao seu projecto e sonho. Foi uma multidão de pessoas e vontades generosas. Padre Horácio, homem bom, simples e discreto, está num plano primeiro. Dona Maria da Luz, no Lar de Coimbra: quantos homens-gaiatos não devem o seu lugar de boa cidadania à actuação humilde e dedicada de ambos?! A própria cidade de Coimbra muito fica a dever à acção discreta e humilde deste homem bom que foi o Padre Horácio. Foi o seu jeito de ser que fez crescer no coração dos coninbricenses, desde as mais cultos aos mais simples, o amor pelo Padre Américo, o carinho pelos seus Rapazes e pela sua Obra.

A par destas duas referências outras se podem contar: o grande Amigo e bom cidadão que foi Carlos Sá, desde a primeira hora. Maria do Céu Jeitoeira e o grupo a ela associada aquando da construção do

Lar de Coimbra: quantas iniciativas para a angariação de fundos este equipo não desenvolveu...!

Dona Julieta e todo o espaço educativo e afectivo que sempre foi a Calégio S. Pedro, em Coimbra, para os goiats, são vasos comunicantes da mesma fonte que foi o Amor do Padre Américo...!

As Igrejas e Paróquias de Coimbra, os seus sacerdotes e párcas, sempre de púlpitos disponíveis e receptivos para que a doutrina de Padre Américo fosse mais além e através dela, a partilha de bens para "os seus meninos"!

Em Miranda da Carvo será inesquecível a acção desse bom cidadão e santo homem que, norteado pelo amor ao Padre Américo no seguimento do Padre Harácio, desenvolveu uma notável acção em prol dos seus concidadãos, foi ele o Fausto Branco... A par destes todos, indispensável e sempre pronto o carinho dos Bispos de Coimbra desde Dom Ernesto até Dom Albino Cleto; carinho manifestado na oferta de sacerdotes que ainda são, hoje, a maioria ao serviço da Obra da Rua.

Faz bem saber que esta evocação se situou neste enquadramento humano e eclesial e que persiste como desafio a um compromisso renovar.

Padre João

Amor, Meditação e Acção

Continuação da página 1

víduos e da própria sociedade, particularmente no tempo em que as escolas públicas estão envolvidas num clima polémico e de instabilidade.

Por este simples enunciado, já todos percebemos que o Prof. Doutor Ernesto Candeias Martins, nascido nas faldas da serra da Gardunha, em S. Vicente da Beira, licenciado em Filosofia e Letras, Mestre em Educação e doutorado em Teoria e História da Educação pela Universidade das Ilhas Baleares, além de ser um investigador incansável, é também pedagogo sensível e mestre credenciado, na Escola Superior de Educação de Castelo Branco, onde exerce o magistério desde 1988.

Em relação ao Padre Américo e à *Obra da Rua*, ninguém como ele empreendeu uma investigação tão sistemática, rigorosa e exaustiva. Compulsou toda a documentação escrita, visitou todas as casas da *Obra da Rua*, conversou com responsáveis, com colaboradores e com gaiatos. Fez questão de conhecer de perto o estilo de vida, os métodos de trabalho e os ideais mobilizadores dos educadores e dos educandos. Consultou a imprensa do tempo. Visitou os lugares onde o Padre Américo viveu e por onde passou. Dialogou com muitas pessoas que o conheceram. Numa palavra, os elencos bibliográficos das três obras publicadas elucidam claramente o carácter exaustivo da pesquisa. Mais é difícil fazer.

Ernesto Candeias fez muito e fez bem. Aliando a especial competência académica adquirida nas áreas da educação, com o rigor da inves-

tigação e a intuição psicológica, empreendeu com sucesso a tarefa de explicitar o que nos escritos do Padre Américo é implícito, bem como sistematizar e teorizar o que nele é disperso e espontâneo. Na verdade, foi a enorme quantidade e a elevada qualidade do trabalho realizado pelo Doutor Ernesto que me levaram a afirmar no prefácio do livro que hoje é dado a conhecer ao público: *o autor torna-se uma referência incontornável para o conhecimento e interpretação do modelo pedagógico que serviu de suporte à obra da Rua*.

Depois de, nos dois livros anteriores, se ter debruçado sobre a biografia do Padre Américo e de ter confrontado o seu projecto educativo com o dos grandes pedagogos conhecidos ao longo da história, é agora a vez de procurar as causas que estão na origem de tão maravilhosos efeitos como são a dedicação sem limites do Padre Américo à *Obra da Rua* e o seu método original de educar. O objectivo principal da obra foi claramente enunciado pelo autor (p. 25) e consiste em proporcionar *uma melhor compreensão e conhecimento da 'filosofia de vida' e de amor, da filosofia de acção e pedagogia social, do pensamento e da espiritualidade activa, da sua Obra da Rua*, que ainda hoje continua a ser a *'voz do revolucionário pacífico'*, que incessantemente reclama solução para os males que afligem os pobres, os marginalizados e os deserdados da sociedade.

Para alcançar tão importante objectivo, começa o autor por nos apresentar, em traços firmes e pinceladas de cores fortes, o retrato da sociedade portuguesa na primeira

metade do século XX, com particular acento nos anos em que o Padre Américo iniciou a sua actividade de recoveiro dos pobres. Portugal era um país rural, com elevada taxa de analfabetismo e de baixos salários. Vivia-se num cenário de pobreza generalizada, carecido de políticas sociais e assistenciais eficazes para debelar as raízes do mal originado na instabilidade política que se vivia no país, por razões de ordem interna e de ordem externa. A acção social da Igreja era muito limitada e só com o restabelecimento das congregações religiosas no país se foi reequacionando. A protecção das crianças pobres, órfãs e abandonadas deixava muito a desejar. A par de outras iniciativas com carácter educativo e social, menos conhecidas, agigantou-se a *Obra da Rua*.

O campo era vasto. Usando a linguagem do Evangelho, podemos dizer: a seara era grande os trabalhadores eram poucos. Contemplando a multidão imensa de pobres, o coração do Padre Américo compadeceu-se. Mas qual foi a motivação profunda que levou esse homem a dedicar-se totalmente a proteger, ajudar e promover os pobres? Para encontrar a resposta a esta pergunta, o Doutor Ernesto debruçou-se demorada e perspicazmente sobre a alma do Padre Américo, como podemos verificar ao longo das páginas deste livro. E encontrou a resposta na filosofia de vida e de acção, sintetizada nas três palavras que constituem o título do livro: AMOR, MEDITAÇÃO E ACÇÃO. Nelas encerra o autor o grande segredo de vida do Padre Américo. Ele era homem de fé profunda. Acreditava no Evangelho e

por isso pautava toda a sua vida pelas normas evangélicas. Vivia e actuava como se visse o Invisível. Confiava no amor de Deus e amava tudo e todos sem medida. A sua filosofia de vida era a filosofia do amor cristão, que ultrapassa toda a filosofia humanista ou personalista, nas quais se enquadra e com as quais se têm estabelecido aproximações várias.

Ora a filosofia do amor cristão não se teoriza, vive-se. Por isso, o segundo termo do título — MEDITAÇÃO — não se refere propriamente a especulações teóricas de filosofia. Tem antes a ver com oração, que se traduz num diálogo íntimo com o modelo inspirador e Mestre, com o qual o discípulo procura identificar-se. Esse é, na óptica cristã, o verdadeiro sentido da meditação (oração). Certamente por esta razão fundamental o Padre Américo não se preocupou com a teorização pedagógica, como fazem os pedagogos. A justificação dos seus procedimentos encontrava-a ele no seu Modelo Único — Jesus Cristo. E sendo assim, como bem frisa o Doutor Ernesto, o Padre Américo não desenvolveu uma teoria explícita. Nele tudo se encaminhava para a ACÇÃO. A sua filosofia de vida pode designar-se filosofia da acção. Mesmo não se tendo preocupado com os aspectos teóricos, a acção do Padre Américo brota de uma teoria implícita e goza de forte coerência lógica. Tal como ele era um homem sereno e harmonizado interiormente, também toda a sua acção tem uma coerência interna, radicada na própria coerência da mensagem evangélica, que se propunha viver.

Apesar de ser um homem culto, não consta que o Padre Américo se tivesse preocupado muito em conhecer os pedagogos sociais, que se dedicaram a cuidar das crian-

ças pobres, como foi o caso do famoso pedagogo suíço Pestalozzi, com o qual tem muitos pontos em comum. Porém, toda a sua pedagogia pode perfeitamente ser enquadrada dentro da chamada pedagogia social, como bem demonstra o Doutor Ernesto no último capítulo do seu livro. São muitas as aproximações e semelhanças com outros autores. Mas nenhuma delas retira originalidade ao seu método. Na verdade, como escreveu o nosso autor (p.350): *(ele) foi um Padre diferente dos outros, um Homem que teve confiança no homem, um pedagogo de caminhos impensáveis e imprevistos que deu uma família e um projecto de vida a muitos milhares de rapazes da rua. Mas, em tudo o que fez estava imbuído do Evangelho e impregnado pelo amor dos outros*.

Consciente de que o autor e a obra hoje trazida a público merecem mais e melhor, fico-me por estas referências simples e concisas. Mas, não posso concluir sem vos dizer que se trata de uma obra de mestre. E vale a pena ser lida. A erudição, aliada à originalidade da investigação e à sistematização dos conteúdos, possibilitam ao leitor um notável alargamento dos horizontes pedagógicos e, acima de tudo, uma perscrutação profunda da alma do Padre Américo e da sua filosofia de vida.

Em meu nome pessoal, em nome da Igreja em Portugal e em nome de todos quantos se dedicam à educação, quero manifestar o meu sincero agradecimento ao Doutor Ernesto por mais este belo trabalho. Agora damos a vez aos leitores, que espero se sintam tão gratificados, ao ler este livro, como eu me senti.

Coimbra, 7 de Março de 2009
† José Alves

MALANJE

Dia-a-dia

O avião partiu sem tia Montse, como tende acontecer, porque os passaportes não chegaram e continua em nossa vida de ilegais. No meu caso, há um ano e quatro meses. Espero ter documentos em condições para visitar a minha Diocese e dizer a D. Manuel que me renove o contrato, pois tenho 121 Rapazes para criar e os mais que não-de chegar. Bem, mas quem somos nós...

Tia Montse mantém-se mais uns dias, enquanto os Rapazes começam as aulas, finalmente com alguma normalidade, porque há dois meses que os professores não recebem seus salários.

A água entrou em nossa vidas e levamos uns três dias em que se não chove no período da manhã, chove durante a tarde. Os gaiatos continuam com a febre do futebol. Os «Batatinhas» fecharam-se na camarata e ouvimo-los a jogar durante a noite. Além disso, o Fred (chefe maior), deixa que eles saiam e mais não faz do que retirar o colchão da cama daqueles que chegam tarde. Parece que tivemos sorte com o chefe maior embora o resto dos Rapazes não o acompanhe.

Finalmente uma chamada do Eduardo a fazer o ponto da situação dos vistos do Bartolo e da tia Montse, por outro lado a pedir que entreguem os de Bet e Oriol, para dar início ao processo de renovação por um ano. Por isso, no mesmo dia em que recebemos a notícia, partimos para Luanda e seus engarrafamentos. Padre Telmo, Bartolo, Oriol e Bet ficaram em Casa.

Como sempre, ir a Luanda significa horas e horas de engarrafamentos. Ao fim e ao cabo, tivemos sorte, chegamos a tempo de comprar o bilhete de avião para Montse e algum material escolar para os Rapazes, pois um caderno, em Malanje, custa três euros, e em Luanda 1,50 euros. Depois, passámos pelo Lar de Estudantes de Luanda para recolher o nosso último desaparecido, Kalibre, a quem deram uma valente sova e lhe partiram uma garrafa na cabeça por andar fora de horas pelas ruas de Luanda. Regressámos a Malanje. Foram duas horas para sair de Luanda e quatro e meia para chegar a Casa — um *record* comparado com as onze horas necessárias em 2006.

A Casa continua tranquila e a Bet começa a tomar conta das rédeas como mãe dos gaiatos. Acompanhar a despesa e os mais pequeninos não é fácil, mas estamos seguros de que o fará com todo o carinho. Oriol vai fazendo umas caixas-armários enquanto se ambienta à dinâmica da Casa do Gaiato. Bartolo está junto de Rodrigues, por alguns meses, continuando a preparar o computador para as aulas do curso de informática. O problema, agora, é que entre as duas instituições sociais que se comprometeram connosco não ficou claro qual delas tem de pagar aos professores. Isto quer dizer que ele está parado até novo aviso.

É sábado, fim-de-semana, enquanto uns se dedicam a fazer limpeza às casas, outros organizam a loja, outros ainda, reparam a vacaria, e outros não fazem nada. Como sempre, celebramos a Eucaristia ao final da tarde para toda a comunidade, desta vez ouvimos os conselhos de Padre Telmo.

Padre Rafael

SETÚBAL

O Evangelho é a Luz

MUITA gente se admira, sempre se admirou, do número de bocas que todos os dias têm lugar à mesa nas nossas Casas. Mais se admiram por não fazermos orçamentos para que o pão nunca falte à nossa mesa.

O pão não falta, e as contas não se fazem; mas todos os dias vamos à procura do que necessitamos. Desde manhã até à noite trabalhamos para que nada falte aos nossos e àqueles que nos procuram, e temos sempre lugar à mesa para mais alguém que chegue.

No mundo também assim poderia ser, mas não é!

O Pão de cada dia, garante-o Deus para as suas criaturas. Verdade do Evangelho. Muitos não o têm porque outros têm muito mais do que precisam, e estragam, ou então não trabalham para *comerem o pão que lhes pertença*.

O trabalho e a partilha dos bens são os meios mais certos e mais simples para que todos tenham o que necessitam para viver e para serem pessoas. Todas as técnicas, que são pensadas para resolver o essencial da vida humana, acabam pervertendo o sentido para que foram criadas. Os diversos regimes, que as idealizaram e puseram em prática, chegaram todos ao colapso.

Por isso o Evangelho é sempre a Boa Nova, a Palavra de esperança para o homem afogado nos seus erros e para o homem perdido na sua incapacidade. O Evangelho é a Luz que esclarece e anima.

O homem nada alcança sem trabalho e sem a entre-ajuda com o seu semelhante. Mas ainda que o faça assim, não terá perenidade se não sustentarem os seus esforços com a Luz de Deus. O homem precisa d'Ele como do pão para a boca.

Como disse Pai Américo, *com Cristo nada é impossível*.

Perante tantos discursos, conferências e outras demonstrações de sabedoria acerca dos problemas que hoje vivemos, nós só queremos saber uma coisa: o complicado resolve-se simplificando-o. Haja vontade e desejo de os resolver.

Se os pássaros do céu e as flores do campo vivem a sua plenitude, os homens também podem viver a sua, basta que cumpram a sua vocação.

Padre Júlio

Património dos Pobres

DOIS antigos gaiatos mandaram-me, nestes dias, cada um, 150 euros. De vez em quando, tanto um como o outro, se lembram do Património com semelhante quantia ou outra mais elevada.

É muito agradável recordar que ambos foram generosos construtores das suas Casas do Gaiato, quer na venda do jornal, quer no ensaio, construção, desempenho e propaganda das Festas, quer como chefes em muitas tarefas e casas, quer ainda com um exemplo admirável aos outros, no trabalho, no estudo e na oração; comportamento que só Deus pode avaliar e devidamente reconhecer. Em nossas Casas, se fizeram, ao mesmo tempo, cristãos conscientes e homens ilustres.

A mim, fica-me um *doce na alma*, o qual se renova e acrescenta, sempre que os recordo, os vejo, ou deles recebo uma cartinha.

Este vosso dinheiro, queridos rapazes, fruto também de renúncia quaresmal e enlevo sagrado nas vossas intenções, foi para aliviar um pobre homem que passou outrossim dois anos, na nossa Casa, mas a mãe, na altura, veio buscá-lo e não lhe deu asas.

Agora, com quase quarenta anos, pôs-se atrás de mim, para eu lhe valer.

O lugar de encontro seria a sala de refeições, de uma Igreja Evangélica que lhe dá, diariamente, o almoço e o jantar, à uma ou às sete da tarde.

Fico sempre edificado quando vejo alguém matar a fome, a um pobre. Apetece-me ajoelhar, tal a densidade que sinto da Presença de Deus.

A Igreja Católica fá-lo, actualmente, em várias cidades e vilas

do País; sempre o fez — a *Sopa dos Pobres*, de Pai Américo aparece como exemplo — este é um sinal inquestionável da Fé em Cristo Jesus.

Passavam vinte minutos das treze quando me aproximei da Igreja Irmã e perguntei a um vizinho se ali serviam comida de graça. Que sim senhor, mas só a pessoas inscritas e com cartão.

Julgo ter parecido ao meu informador que eu também queria comer à borla. Fiquei contente por lhe afigurar pobre e capaz de receber um almocinho. Não seria a primeira vez. Mas, naquele dia, não.

Pela observação que me é feita, tomo conhecimento que esta Igreja conhece os pobres e os inventaria, inscrevendo-os e dando-lhes um cartão.

Podemos divergir em vários pontos de doutrina, mas nesta prática estou completamente de acordo. *Tive fome e deste-Me de comer*. Ele está presente.

Fora da sala e da cozinha duas senhoras de touca e bata brancas lavavam os painéis irradiando simpatia. Prontificaram-se logo a ir ao refeitório informar o pobre da minha comparência.

A questão era simples de compreender e difícil de solucionar.

Estava doente, com baixa, e não pagava a prestação da casa ao banco, há dois anos, e o facto já se encontrava em pré-contencioso.

De cara desmaiada, um olhar fundo, emoldurado por olheiras negras e barba por fazer, o homem não conseguia disfarçar um sofrimento voraz.

Não me sabendo explicar bem o que se passava, achei melhor levá-lo à agência bancária e falar com o gerente.

Ali me intei da tragédia.

No gabinete do gestor, na nossa presença, homem começou a chorar: *«que a baixa era só de trezentos e poucos euros, que estava doente e desempregado, que só há pouco tempo tinha conseguido as refeições, que tinha de pagar a luz e a água, que a prestação era de duzentos e cinquenta e um euros, que os remédios eram muito caros, e que não tinha podido»*.

Em dois anos, resgatara somente, três meses. Tudo se acumulava: prestações e juros!... Um entalço de esmagar!...

Averiguada a dívida, fiquei assustado e pus-me também a implorar. Podia ser que o gerente conseguisse o perdão de alguns juros, já que eu estava disposto a limpar o débito.

Nada. Não conseguimos nada!

Os bancos têm as suas regras, estabelecidas sempre, a seu favor. Só o dinheiro lhes sacia a fome. Nem a justiça e muito menos a misericórdia.

Paguei seis mil e duzentos euros com um cheque do Património.

Tu, que farias, no meu lugar? Pôr-te-ias a pensar que, neste momento, são muitas as famílias com buracos semelhantes e situações talvez mais graves?...

— Tendo dinheiro, o Senhor mandou-me que não olhasse para trás. Fizesse como o samaritano do Evangelho.

Pode ser que alguém se sinta convidado a colaborar nesta Quaresma e a fazer assim o seu jejum, preparando-me para acudir a outro. Os desígnios de Deus são insondáveis!...

Libertar este pobre, assegurando-lhe a casa, foi um acto de Fé!

A direcção postal do Património dos Pobres:

Lar do Gaiato
Trv.^a Padre Américo
3000-313 Coimbra.

Padre Acílio

Desabafo

ACONTECE frequentemente inspirar-me em texto alheio e acompanhá-lo ao longo da própria reflexão. Mas já não acontece assim encontrar num tal texto tanta fidelidade ao que queria dizer que, incapaz de o dizer tão perfeitamente, não resista a tomá-lo, com a devida vénia, a expressão do meu pensamento.

Foi o que aconteceu a propósito de um sentimento de abafado cujo gemido, muitas vezes repetido, tem aqui o seu grito libertador nesta forma que lhe deu o Prof. Doutor João César das Neves, publicado naquela *«orelha» de opinião* que semanalmente escreve no *Destak* e intitulou

Lei e selva

«Não falta muito para todos os portugueses terem cadastro na polícia. Com a ASAE e DGCI, radares de trânsito e inspecções periódicas, fiscalizações às instalações domésticas, código laboral, regulamentos ambientais e de consumo, entre muitos outros, cada cidadão, sobretudo se produtivo e inovador, conseguirá em breve uma contravenção grave no seu registo criminal.

Antes a lei tratava apenas dos crimes sérios. Vivia-se em liberdade, mas se alguém fazia um grande mal, era severamente punido. Hoje a maioria dos fiscais, inspectores, polícias e juizes trata, não de criminosos, mas de pessoas honestas. Todos vivemos debaixo de suspeita num Estado que regula os mais pequenos passos da vida.

A razão da mudança é clara: perda de confiança. Desde a Antiguidade que a base da vida em comum era a honra. Sempre houve molandros e abusadores, mas toda a gente era educada para ser honrada e acreditar na honra dos demais. Hoje o tempo é cínico e desconfiado, convencido de que só com castigos legais se impede os outros de violarem as regras. Desapareceram as condicionantes morais porque a ética é a lei. Sem portaria que proíba e puna, tudo é permitido.

As pessoas não são nem mais nem menos corruptas do que sempre foram, mas acham que os outros são horríveis. Continuam a considerar-se honestas, mas sentem-se rodeadas por bandidos. A imprensa encarrega-se de alimentar a suspeita. Por isso, vivendo na sociedade mais sofisticada de sempre, sentimo-nos num clima de selva, só controlado por polícias e multas. Mais bárbaro que as tribos primitivas.»

É verdade. Se calhar, neste mundo saturado das criações dos homens feitas para a facilidade e para o prazer, corre-se o risco do «feitoço se voltar contra o feiteiro». E será mesmo na selva que se encontrarão resquícios do «paraíso terreal» e para a vida um modelo: Tarzan.

Padre Carlos

BENGUELA

Queremos viver na esperança

ESTOU a ver o espectáculo das crianças a caminho do Infantário. Conduzidas pela mão dos irmãos mais velhos; ao colo ou às costas das mães, vão ter ao lugar certo. É um complemento salutar da nossa Casa do Gaiato, com a sua própria autonomia. Bendita a hora do seu nascimento! Crescem a todos os níveis, envolvidas no amor de autênticas mães consagradas ao Senhor. Quem dera nunca falem pessoas que ofereçam a suas vidas em holocausto por estes filhos, aqui, e espalhados pelo mundo inteiro. O holocausto mais puro ao serviço da humanidade está no dom total e incondicional das vidas a Deus, nosso Pai.

O bebé encontrado no caixote do lixo, morreu. Meus olhos viram-no, a última vez, ao colo duma Irmã com o coração de mãe consagrada. A doença do paludismo levou-o para a sepultura. O

ambiente tão degradado que se respira em grande parte da sociedade, está na origem destes crimes. Mais razão para a entrega das nossas vidas! No Domingo passado, um grupo de jovens, ao contemplar a beleza dos mais pequeninos da nossa Casa, ficou entusiasmado. Quem dera aquela rapariga leve para a frente o seu projecto! Está a experimentar, nesta fase da sua vida, uma vontade muito grande de se dedicar às crianças abandonadas. Tem muito espaço para trabalhar. É no livro da história da sua vida que cada um e cada uma encontrarão o caminho que devem seguir. O caminho da verdadeira felicidade.

Antes de subir os degraus das escadas, até ao lugar onde estou a escrever, um pai diz-me que tem a sua casa vazia, sem nada para dar de comer aos filhos. Levou o que foi possível. Outro, muito aflito, diz-me que a sua mulher

foi ter o filho, com muita urgência, e não tem dinheiro para pagar as despesas. Mais aflições. Mais paciência. Bateu palmas, de contente, quando viu o problema resolvido. Sois vós que nos dais para podermos dar. Oxalá não vos canseis! Quem me dera que estas palavras enchessem a vossa mente e o vosso coração: *«A liberdade da tua misericórdia encherá de bens os teus celeiros. Portanto, ó homem, para que não venhas a perder por ter guardado para ti, distribui aos outros para que venhas a recolher; dá a ti mesmo, dando aos pobres, porque o que deixares de dar aos outros, também tu o não possuirás»*. Ao rezar estas palavras, momentos antes de me sentar para escrever estas notas, guardei-as e partilho-as convosco.

As actividades escolares, com cerca de dois meses, estão a seguir o seu ritmo, com altos e

baixos, como é próprio da vida. Não estamos numa linha recta, como em nenhum sector. As salas de aulas estão cheias. Algumas demais. Há falta de professores. As crianças aninam de número. Noutras paragens passa-se o contrário: As escolas fecham as portas porque não há crianças. Aqui não é assim. Vale a pena fazer esforço para que todos os filhos tenham um lugar digno para a sua aprendizagem. Estamos a investir o melhor que

podemos. Este ano, subiram quatro dos nossos Rapazes à Universidade. Começaram, ontem, as suas aulas. Que seria destes filhos se não tivessem a Casa do Gaiato? Tentamos, por todos os meios, incentivá-los para o estudo. Não é tarefa fácil, porque o ambiente escolar, lá fora, padece de influências degradantes que afectam sempre alguns mais do que outros. Acontece em toda a parte. Queremos viver na esperança.

Padre Manuel António

PENSAMENTO

Aquele de entre os mortais que quiser ser verdadeiramente grande, esse faça-se servo e sirva os seus. É este precisamente o espírito da nossa Obra.

PAI AMÉRICO